

TERAPIA OCUPACIONAL SOCIAL E CRIANÇAS: DESAFIOS, LIMITES E POSSIBILIDADES PARA O TRABALHO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Social occupational therapy and children: challenges, limits and possibilities for work in times of pandemic

Terapia ocupacional y niños: límites y posibilidades de trabajo en tiempos de pandemia

Almeida, et al. (2021). Terapia ocupacional social e crianças: desafios, limites e possibilidades para o trabalho em tempos de pandemia. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.*, 4(5), 618-624. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto42863

Resumo

Contextualização: o presente trabalho relata parte das intervenções do (informação suprimida) em parceria com as crianças de uma comunidade no município (informação suprimida). **Processo de Intervenção:** foram desenvolvidas ações virtuais, de forma individual e coletiva, com crianças entre 6 e 11 anos, a fim de dialogar, apreender suas demandas e tentar criar estratégias para lidar com as situações emergentes e intensificadas pelo contexto em que vivemos. **Análise crítica da prática:** mesmo diante da complexidade do debate em torno da utilização do meio virtual, para o desenvolvimento das atividades práticas em terapia ocupacional social, acredita-se ser possível, apesar de não ser o ideal, a utilização dos recursos tecnológicos para a intervenção com as crianças. **Síntese das considerações:** o estar com as crianças permitiu continuarmos apreendendo, a partir das suas histórias e de suas famílias, a intensificação da desigualdade social causada pela pandemia da Covid-19 no Brasil.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional. Crianças. Pandemia. Território Sociocultural.

Abstract


Contextualization: this work addresses part of an (deleted information) investigation in partnership with children from a community in the city of (deleted information). **Intervention Process:** virtual actions were developed, individually and collectively, with children between 6 and 11 years old, in order to dialogue, understand their demands and try to create strategies to deal with emergent situations, intensified by the context in which we live. **Critical analysis of the practice:** even given the complexity of the debate surrounding the use of the virtual work environment for the development of practical activities in social occupational therapy, it is believed that it is possible, although not ideal, to use such a method for the desired purposes. **Summary of the considerations:** being with the children allowed us to keep apprehending, based on their stories and their families, about the intensification of social inequality caused by the Covid-19 pandemic in Brazil.


Keywords: Occupational Therapy. Children. Pandemic. Sociocultural Territory.


Resumen


Contextualización: el presente trabajo informa parte de las intervenciones del (información eliminada) en conjunto con los niños de una comunidad de la ciudad de información eliminada). **Proceso de Intervención:** se desarrollaron acciones virtuales, de manera individual y colectiva, con niños de entre 6 y 11 años, con el fin de dialogar, comprender sus demandas e intentar generar estrategias para enfrentar situaciones emergentes e intensificadas por el contexto en el que vivimos. **Análisis crítico de la práctica:** incluso ante la complejidad del debate en torno al uso del espacio virtual para el desarrollo de actividades prácticas en terapia ocupacional social, se cree que es posible, aunque no ideal, utilizar recursos tecnológicos para la intervención con los niños. **Síntesis de las consideraciones:** estar con los niños nos permitió seguir aprehendiendo, a partir de sus historias y sus familias, la intensificación de la desigualdad social provocada por la pandemia de Covid-19 en Brasil.


Palabras clave: Terapia Ocupacional. Niños. Pandemia. Territorio Sociocultural.


Isabel Almeida de Mello Gomes 
<https://orcid.org/0000-0002-4563-1848>
Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências da Saúde. Departamento de Terapia Ocupacional. João Pessoa, PB, Brasil.

Helenayane Karla da Silva Morais 
<https://orcid.org/0000-0002-2769-8248>
Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências da Saúde. Departamento de Terapia Ocupacional. João Pessoa, PB, Brasil.

Ariely Cristinny Brasileiro de Medeiros 
<https://orcid.org/0000-0003-0650-3939>
Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências da Saúde. Departamento de Terapia Ocupacional. João Pessoa, PB, Brasil.

Nathália Maria Spohr de Medeiros 
<https://orcid.org/0000-0002-0451-9729>
Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências da Saúde. Departamento de Terapia Ocupacional. João Pessoa, PB, Brasil.

Lua Zayra Mendonça Marques 
<https://orcid.org/0000-0002-1501-8153>
Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências da Saúde. Departamento de Terapia Ocupacional. João Pessoa, PB, Brasil.

Beatriz Prado Pereira 
<https://orcid.org/0000-0002-8624-7615>
Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências da Saúde. Departamento de Terapia Ocupacional. João Pessoa, PB, Brasil.

1. Contextualização

O presente trabalho relata as intervenções em Terapia Ocupacional Social, a partir de um projeto de extensão com crianças de uma comunidade no município de João Pessoa/PB, que teve como intuito criar espaços de diálogos possíveis para pensarmos estratégias de cuidado e ações que dialoguem com as reais necessidades e demandas das infâncias, no contexto de pandemia e os desdobramentos em seus cotidianos.

2. Processo de intervenção/acompanhamento

O projeto de extensão intitulado "*Timbó em Movimento: espaço público, educação e ação coletiva*" integra o Laboratório Metauia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em cooperação técnica com a Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (Uncisal), e conta, atualmente, com a participação de estudantes dos cursos de Terapia Ocupacional e Serviço Social da UFPB e que, conjuntamente, articula-se à extensão das atividades de ensino e pesquisa, em parceria com a Associação Juventude em Ação (AJA) da Comunidade do Timbó.

O projeto acontece desde 2018 e tem como foco refletir sobre os modos de vida e a constituição dos cotidianos nos espaços públicos urbanos, considerando as ruas, as praças, as quadras como locais potentes para pensar e dialogar sobre cidadania, convivência (Arendt, 2007) e criar propostas de ação coletiva. A partilha desses espaços, considerando o território como espaço vivido, densificado pelas múltiplas relações culturais e sociais, gera a possibilidade de criação ou reconhecimento de pautas comuns e, assim, a partir da relação direta com moradores e lideranças comunitárias, incluindo as crianças, tem sido possível elaborar estratégias na direção de construir canais de diálogos, que correspondem ao coletivo, e criar caminhos para a resolução das problemáticas enfrentadas.

No que tange ao trabalho pensando as infâncias, antes da pandemia, as intervenções tinham a duração de 3 horas semanais com as crianças de 6 a 11 anos e por meio da utilização de jogos e brincadeiras, buscou-se dar enfoque na sociabilidade, que a rua e as praças propiciam no brincar – por ser onde vivem, tecem e constroem suas relações – e na ampliação do reconhecimento das diferenças, da autonomia, da solidariedade e do respeito mútuo (Sennett, 2004), nas trocas interpessoais e no fortalecimento do pertencimento das crianças à comunidade, valorizando a suas formas de ver, entender e se relacionar no e com o mundo, a partir de legítimas expressões do pensamento, da cultura e da ação (Abramowicz, 2011).

Porém, com a suspensão das atividades presenciais e do fechamento de diversos equipamentos sociais e as limitações impostas pelo distanciamento físico, com a pandemia da Covid-19 no Brasil, as ações do projeto precisaram ser reorganizadas a partir das (im)possibilidades na continuidade ao que já se tinha construído na relação com o território e com as crianças do Timbó.

Diante do contexto, passamos a questionar: é possível continuar o acompanhamento com as crianças e criar espaços remotos para dialogar sobre como é ser criança em tempos de pandemia? Qual rebatimento possível para pensarmos a prática em terapia ocupacional social com as infâncias nesse contexto? Como adaptar uma ação que se fundamenta na ação territorial e comunitária para uma prática virtual? Como pensar ações pautadas na noção de cidadania por meio da tela do celular? Tínhamos o interesse em dar continuidade ao que já havíamos iniciado de forma presencial, na construção e na compreensão dos contextos e das situações que se agravam pelo que elas têm a nos dizer.

Partilhamos da reflexão de Pastore (2020, p.6) de que é "necessário compreendermos a criança, em sua formação, a partir de demandas e realidades, possibilitando formas de ser e estar no mundo a partir de tempos reais e do aqui e agora". Elas vivenciam e se constituem enquanto sujeitos e atores sociais também no tempo presente (Santos, 2012), em que se dá a pandemia, ao mesmo tempo, em que desenhamos novos formatos e proposições face dos desafios impostos pelo agravamento de problemas sociais, principalmente pela ausência das medidas de enfrentamento da pandemia direcionadas, também, a elas.

Em meados de junho de 2020, entramos em contato com as famílias e crianças parceiras, entre 6 e 11 anos, que já participavam das atividades presenciais nos anos anteriores e que tivessem viabilidade em desenvolver os encontros de forma remota, tanto por chamada de vídeo quanto por mensagens via WhatsApp® e/ou Instagram®. Conseguimos desenvolver as ações com 11 delas, sendo 5 meninas e 6 meninos, a fim de dialogar, apreender suas demandas e tentar criar estratégias para lidar com as situações emergentes do momento em que vivemos, mas também projetar criações conjuntas.

Com intuito de direcionar e embasar nossas ações, elencamos, como norte para o trabalho, os Acompanhamentos Singulares e Territoriais (Lopes, et al. 2011; Lopes, et al. 2014), por ser uma estratégia de intervenção em terapia ocupacional social que possibilita uma percepção e interação mais real do cotidiano e contexto de vida dos indivíduos, interconectando suas histórias e percursos, sua situação atual e sua rede de relações. Tais acompanhamentos partiram da escuta atenta das crianças e, em alguns momentos, de suas famílias, que, atualmente, têm sido marcada pela intensificação da situação de vulnerabilidade, empobrecimento e falta de acesso a serviços sociais e bens essenciais.

Além da mediação dos jovens da AJA, para o acesso frequente às crianças, que ocorriam tanto através de apoio na realização das atividades, como para facilitar a comunicação entre as extensionistas e elas, o projeto também contou com a parceria de uma Organização Não Governamental (ONG) e essa colaboração trouxe a possibilidade de disponibilizarmos um kit para cada criança com diversos materiais, como lápis de cor, pincel, tinta, caneta hidrocor, caderno, borracha, massinha de modelar e demais itens que pudesse facilitar a realização dos encontros e o desenvolvimento das propostas.

Os encontros ocorreram semanalmente, de junho a dezembro de 2020, com duração entre 30 minutos e 1 hora, de forma individual ou em duplas, com cada extensionista do projeto. O formato dos encontros variava conforme a disponibilidade de cada criança e aconteciam de diferentes formas: alguns utilizavam

Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup., 4(5), 618-624, 2021.

a chamada de vídeo do WhatsApp®, outros por mensagens de texto e de áudio ou ligações pelo celular. No decorrer do processo, algumas acabaram não tendo mais acesso ao celular ou à internet, porém, para darem continuidade, elas iam até as casas dos jovens da AJA, que disponibilizavam seus equipamentos para realizarem as atividades. A maioria das propostas eram elaboradas de forma que pudéssemos imprimir e entregar para os jovens levarem até as crianças em suas casas. Essa mediação foi extremamente importante para o desenvolvimento de um trabalho mais articulado e responsabilizado por todos os envolvidos.

Os planejamentos para as semanas seguintes eram organizados a partir do caminho que se dava junto com crianças, a partir da apreensão e reconhecimento das demandas, interesses e vontades. O protagonismo delas durante as atividades demonstrou um pouco mais quem elas são, o que gostam de fazer e o que esperam para o agora e o futuro: os desenhos livres ou direcionados; a produção de jornais sobre o que pensam, sonham e desejam; a criação de diários e blogs sobre o cotidiano na pandemia; o uso da massinha de modelar para explorar a comunidade na visão das crianças; leitura, criação e contação de histórias, que falam sobre si e suas famílias; e jogos interativos para o conhecimento do outro, produção de vídeos sobre assuntos de interesse deles e delas, além do diálogo sobre as diversas questões que norteiam seus modos de vida.

As atividades, projetos e produtos realizados permitiram, mesmo que de forma remota, ações que puderam ser compreendidas e aplicadas com diferentes propósitos: a experimentação e a produção de materiais; conversas sobre o cotidiano, sobre as famílias e a escola (ou a falta dela); e os diferentes sentidos e significados que as crianças em ação podem designar para as diversas situações vivenciadas. Especificamente sobre pandemia, foi possível apreender o que pensam sobre os dias marcados por medos, dúvidas, incertezas e desconfortos.

Uma das formas que os meninos e meninas encontram para organizar as narrativas foi utilizar a pandemia como marcador do tempo, como relatam “a pandemia foi boa porque agora eu fico mais tempo com a minha avó”, “a pandemia foi um pouco boa e um pouco ruim, mas agora posso brincar mais na rua” ou ainda, “depois que apareceu o coronavírus, ficou sem graça”. Por outro lado, elas também relataram: “prefiro agora porque a escola é chata” ou “para mim não mudou nada porque eu já não ia na escola”. Sendo necessário entender que, para cada uma das expressões dessas crianças, existe um modo de vida, a partir de como vivem seus cotidianos mesmo antes da pandemia.

Além das atividades mais individuais e singulares com cada uma, em meados de outubro de 2020, houve uma sugestão dada por uma das meninas para a criação de um grupo no WhatsApp®, no qual ela mesmo intitulou “Crianças Metuia”. Aos poucos, no decorrer do processo, fomos elaborando, junto com as crianças, a proposta e como se dariam as atividades nesse espaço, na tentativa de acolher a sugestão e criar estratégias que permitisse esse diálogo entre elas e entre nós.

A sugestão criada para o grupo foi o desenvolvimento de desafios semanais. A cada semana, uma criança ou uma extensionista elaborava uma atividade que, no decorrer dos dias, todos podiam (ou não)

desenvolver. Partíamos do interesse e disponibilidade de cada um aceitar ou não participar da proposta elencada. Ao todo, foram 8 desafios, com temáticas distintas, por meio da utilização de diversos recursos: vídeos do YouTube® para criação de técnicas de pintura e desenhos; vídeos que ensinavam como fazer dobraduras; criação de atividades próprias sobre sonhos e desejos; áudios com a explicação para elaboração, criação e contação de histórias e personagens; e gravação de vídeos propondo alguma dinâmica que direcionava para a criatividade e exploração dos materiais. Esse formato permitiu certa flexibilização da proposta, já que não precisaríamos estar todos online e disponíveis no mesmo dia e horário.

Esses dispositivos criados permitiram um contato mais próximo com todas as crianças acompanhadas e os diferentes sentidos e significados que elas atribuíam a cada semana e como as relações entre elas e com as extensionistas iam se estabelecendo no decorrer do processo, a partir do incentivo, das sugestões, na sensibilidade e das trocas quando alguém dizia não conseguir ou não saber fazer o que estava sendo proposto, apostando que essas relações possam transcender os espaços permitidos pelo projeto para um contexto mais amplo na vida cotidiana.

Verificou-se que as propostas em formato remoto se tornaram um desafio complexo, porém, a possibilidade da continuidade no acompanhamento das crianças e suas famílias e na criação de espaços virtuais para as diversas brincadeiras e atividades permitiu reflexões no sentido de visibilizar as crianças como sujeitos de direito, políticos, que produzem conhecimento e opiniões, constituindo a base do processo de compartilhamento, protagonismo e participação das decisões que afetam suas próprias vidas.

3. Análise crítica da prática

É preciso reconhecer os diversos limites e impasses para o desenvolvimento das ações com as crianças, por conta da necessidade em manter o distanciamento entre pessoas e da redução ou suspensão das atividades de serviços e instituições que oportunizam acesso à educação, à cultura, à convivência, entre outros, e que, habitualmente, desenvolvemos as intervenções, além da falta ou limitação no acesso à internet ou aos dispositivos como computadores e/ou celulares, tanto das crianças quanto dos extensionistas.

A ausência das atividades escolares, a suspensão do funcionamento de equipamentos sociais, os impactos financeiros, o empobrecimento das famílias, as perdas afetivas e seus desdobramentos nos cotidianos dos sujeitos nos mobilizaram, enquanto universidade pública, a partir do compromisso social e ético, a manter a articulação do conhecimento técnico com os demais saberes e nos levou a tentar criar alternativas criativas, mesmo que de forma remota, para manutenção e estreitamento dos vínculos com o território e as crianças parceiras, no sentido de possibilitar alguma rede de apoio coletiva, face ao acúmulo de crises (social, política, econômica e ambiental) que atravessamos (Santos, 2020).

Deste modo, passamos a aceitar e tentar incorporar o uso das tecnologias como recurso mediador do trabalho, além de explorar e criar novas formas de comunicação, mesmo diante da complexidade do debate em torno da utilização do meio virtual para o desenvolvimento das atividades práticas em terapia ocupacional, acredita-se ser possível, apesar de não ser o ideal, a utilização dos recursos tecnológicos, os espaços oportunistas, inventados e criados no transcorrer da pandemia, desenhados em diálogo e com profundo compromisso com os sujeitos e os demais parceiros envolvidos, revelando que as aprendizagens adquiridas constituem um arcabouço prático (com respaldo teórico) para enfrentar situações complexas que envolvem quebras dos cotidianos e convoca para a criação de estratégias que precisam necessariamente incorporar a dimensão digital e reinventar a presença.

Apesar do que foi possível construir com as crianças, temos muita clareza que não dá para substituir o presencial: o diálogo, o fazer e o estar junto na comunidade, nos espaços que elas estão, brincam, onde atuam e realizam suas ações. Partimos do pressuposto que, diante do contexto, nosso trabalho não deveria ser interrompido e, assim, para manter nossa responsabilidade com os sujeitos parceiros, porém, isso foi feito com crítica e tensionamento, apostando nas possibilidades do agir no "micro", projetando para o "macro", e toda a conjuntura que intensifica as problemáticas e coloca a população mais a margem do que já estavam. As crianças são vítimas invisíveis (Nascimento, 2018), que precisam estar também no centro das políticas públicas emergentes para não perdermos, mais uma vez, toda uma geração.

4. Síntese de considerações

Espera-se que as práticas realizadas pelo projeto no decorrer de 2020 contribuam para o reconhecimento das potencialidades e da necessidade de reconhecer as crianças como sendo capazes de contribuir para a vida coletiva e social e que os estudantes possam refletir sobre a responsabilidade ética, técnica e social da universidade e da formação graduada, na busca, junto com os sujeitos, em pautar questões cotidianas na direção de interromper a percepção da desigualdade, a partir de uma leitura crítica e contextualizada, para pensar, criar, agir e inventar "inéditos viáveis", resistindo diante de "situações-limites" e situações de desesperança (Freire, 2014), na direção de um Brasil menos injusto e mais possível para as diversas infâncias.

Referências

- Abramowicz, A. (2011) A pesquisa com crianças em infâncias e a sociologia da infância. In A.L.G Faria & D. Finco (Eds.). *Sociologia da Infância no Brasil*. Campinas: Autores Associados.
- Arendt, H. (2007). *A Condição Humana*. Forense Universitária.
- Faria, A.L.G. & Finco, D. *Sociologia da Infância no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2011.
- Freire, P. (2014). Pedagogia da Esperança. In P. Freire (Ed.). *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido* (pp. 21-272). Paz e Terra.

Lopes, R. E., Malfitano, A. P. S., Silva, C. R. & Borba, P. L. O. (2014). Recursos e tecnologias em Terapia Ocupacional Social: ações com jovens pobres na cidade. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 22 (3), 591- 602. <https://doi.org/10.4322/cto.2014.081>

Lopes, R. E., Borba, P. L. O. & Capellaro, M. (2011). Acompanhamento individual e articulação de recursos em terapia ocupacional social: compartilhando uma experiência. *O Mundo da Saúde*, 35, 233-238. <https://doi.org/10.15343/0104-7809.20112233238>

Nascimento, M. L. B. P. (2018). (In)visibilidade das crianças e (n)as cidades: há crianças? Onde estão? *Educ. Foco*, 23(3), 737-754. <https://doi.org/10.34019/2447-5246.2018.v23.20100>

Pastore, M. D. N. (2021). Infâncias, crianças e travessias: em que barcos navegamos? *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 29, e2797. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoEN2116>

Santos, B.S. (2020). *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Edições Almedina, S.A.

Sennett, R. (2004). *Respeito: a formação de um caráter em um mundo desigual*. Editora Record.

Contribuição dos autores: todas as autoras foram responsáveis pela elaboração, formatação e revisão do texto.

Recebido em: 31/03/2021

Aceito em: 07/06/2021

Publicado em: 09/11/2021

Editor(a): Marina Di Napoli Pastore